

OG ROBERTO DÓRIA *

O Brasil perdeu um dos maiores educadores deste século. O carioca Paschoal Lemme, último sobrevivente, como ele mesmo se definia, do grupo signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, morreu terça-feira, dia 14, no Rio, aos 92 anos.

Não tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente. O legado de obras e reflexões sobre a educação brasileira confirma depoimentos apaixonados de pessoas que com ele conviveram. Ele era missão, paixão e devoção, descreve Antônio Houaiss em prefácio das memórias escritas pelo educador. Antônio Cesar Lemme, o filho, conta que trabalhou até o dia anterior à sua morte, colaborando com tese de doutorado sobre o Instituto Nacional de Cinema Educativo.

Engenheiro de formação, Lemme foi, antes de tudo, o educador que soube, como poucos, conciliar idéia e ação. Atuou no sistema educacional de formas variadas, como professor primário e nas grandes reformas da educação.

No final da década de 20, participou ativamente da construção da escola pública. Ele e os companheiros Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira lideraram as reformas de ensino do antigo Distrito Federal, que marcam a modernização da educação no Brasil.

Em suas memórias — quatro volu-

mes publicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) e pela Cortez Editora —, Paschoal Lemme explicava as motivações do grupo de educadores e intelectuais para elaborar o manifesto de 1932: “Com uma visão ampla e humanista do que deve ser a educação de um povo, respondemos ao desafio e demos o nosso recado.”

O desafio em questão, lançado por Getúlio Vargas, convocava os educadores a definir “o sentido pedagógico” da Revolução de 30. O documento histórico, dirigido ao povo e ao governo, definiu as bases da reconstrução educacional do Brasil.

Em resposta às inúmeras críticas ao manifesto, considerado “avançado demais” e utópico para a época, Lemme expunha a convicção de que “sem essa visão ampla do futuro a educação não tem sentido”, porque ela é o instrumento que se destina à formação “dos homens que viverão em outras épocas e em novos tempos”.

Segundo o próprio signatário, o manifesto dos educadores procurou imprimir aos problemas educacionais uma orientação voltada para as correntes renovadoras e para as necessidades de um país em transformação. As diretrizes apontadas por Lemme e outros “visionários” mostram quem tinha razão.

Fundamentado na educação integral do aluno, o documento estabelece como princípios: a educação é um

direito de todos; deve caber ao Estado assegurar esse direito; a escola deve ser única, obrigatória, pelo menos até um certo nível e limite de idade; o Estado adotará política nacional, mas a organização dos serviços educacionais deve ser descentralizada. O discurso desses educadores, como podemos comprovar, mantém atualidade, passadas mais de seis décadas.

Entende-se por que o educador de corpo e alma foi também um intelectual de esquerda comprometido com as causas sociais. Todas as reflexões sobre os problemas educacionais o levavam a uma conclusão: a solução não está na educação em si, mas na estrutura sociopolítica.

A professora Vanilda Paiva, ex-diretora do Inep, num prefácio às memórias de Paschoal Lemme, constata que ele se confrontou com as esperanças, os mitos e as decepções de muitas gerações, da revolução bolchevique à queda do Muro de Berlim. Nessa trajetória, Paschoal Lemme deixou como exemplo e ensinamento “a independência de juízo, a recusa à fanatização, a coragem de enfrentar a marginalização e o esquecimento em nome da fidelidade a si mesmo”.

Com dor, nossa homenagem ao mestre.